

# Para Adroaldo, o ajuste se acentuará nos próximos meses

RIO  
AGÊNCIA ESTADO

A economia brasileira já atingiu um estágio de ajustamento que qualifica o País a impor suas condições no processo de renegociação da dívida externa. A afirmação foi feita ontem no Rio, pelo vice-presidente para a Área Internacional do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, ao ressaltar que "entramos num ajustamento ortodoxo natural provocado pelo ajustamento de preços".

Segundo explicou, o ajustamento econômico, apesar do "susto" provocado após o final de 1986, se acentuará nos próximos meses, o que não impede, porém, que seja necessário convencer os credores de que a queda na transferência de recursos para o Exterior esteja sendo transformada em investimentos internos. Apesar da sua visão otimista, Moura da Silva ressaltou a importância de se encontrar, no prazo de 30 a 60 dias, novos mecanismos de negociação da dívida de curto prazo, no total de US\$ 15 bilhões a vencer no dia 31, mas, prorrogável automaticamente para o final de junho.

A estabilidade interna, frisou, está intimamente ligada aos seguintes sintomas do "choque ortodoxo": empobrecimento da classe média; redução do consumo através da queda de vendas de bens duráveis; recuperação do saldo da balança comercial; e perda do valor real dos investimentos, inclusive, os preços de imóveis.

A preocupação maior do Brasil no processo de renegociação da dívida externa é a adesão dos pequenos bancos credores, para se chegar a um acordo destinado à prorrogação dos empréstimos de curto prazo, ou seja, aqueles que integram os projetos 3 e 4. Após afirmar que espera uma adesão de 90%, observam que "o Brasil vive uma angústia de curto prazo, porque a negociação da nossa dívida

externa passa, necessariamente, pelas linhas de curto prazo, que têm término formal no dia 31 de março, após a prorrogação prevista no contrato firmado em dezembro do ano passado".

Moura da Silva informou, também, que o Brasil não vem encontrando dificuldades para obtenção de financiamentos de curto prazo para operações de comércio exterior envolvendo matérias-primas, apesar de estarem em valores inferiores aos registrados no segundo semestre de 1986. Mas, com relação aos financiamentos acima de dois a três anos, "se existem alguns problemas eles são relacionados com taxas de juros praticados internamente".

Moura da Silva disse ainda que o Banco do Brasil continua realizando suas operações de empréstimos externos a taxas normais de mercado, ou seja, sem nenhum aumento.



Adroaldo vê ortodoxia